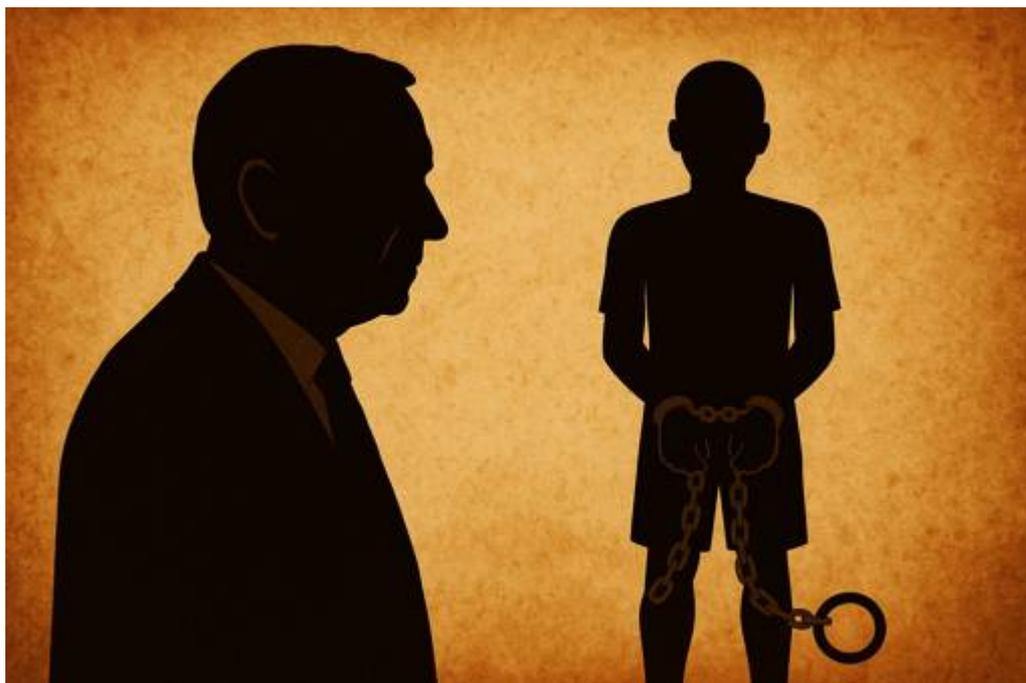


Crónica: A Responsabilidade das Sombras – Herdeiros de um Passado que Não Escolhemos

Publicado em 2025-07-03 12:12:08



Por Augustus Veritas, Julho 2025

Portugal acorda, de tempos a tempos, com a cabeça voltada para os escombros do passado. Desta vez, pelas palavras do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, ouvimos que **Portugal deve indemnizar as vítimas da escravidão nas antigas províncias ultramarinas**. A frase caiu com o peso de séculos – e com ela, levantou-se uma nuvem de questões: **Somos nós, os vivos de hoje, responsáveis pelos mortos de ontem? Deve uma geração pagar pelos crimes de outra?**

 **Não somos culpados – mas talvez sejamos herdeiros**

As novas gerações não carregam a culpa.
Mas carregam as consequências.

A história não se esfuma com os séculos. Não basta dizer “foi há muito tempo” quando as **marcas ainda estão nas cidades, nos nomes, nos museus, nas desigualdades económicas e culturais que perduram**. O colonialismo português – como o de tantas outras potências europeias – não foi um episódio inocente de trocas comerciais: foi um **sistema brutal de exploração humana**, sustentado por escravidão, racismo e desumanização.

Ignorar isso seria amputar metade da nossa identidade.

Indemnizar: gesto justo ou loucura política?

Aqui entra a zona cinzenta.

Indemnizar com dinheiro individualizado, como se fosse uma conta antiga com juros acumulados, não faz sentido. Nem é exequível. Seria transferir culpa em massa, como se houvesse uma herança de sangue. **Mas reconhecer, reparar e investir num futuro mais equitativo é** outra coisa. Isso, sim, faz sentido.

Indemnizar pode significar:

- Financiar **programas de educação, saúde e desenvolvimento** nas ex-colónias.
 - Estimular **parcerias justas e horizontais** com os países africanos de língua portuguesa.
 - **Reescrever os manuais escolares**, onde ainda se romantiza a “epopeia ultramarina” sem encarar o horror.
-

Marcelo e o eco da História

Marcelo sabe dançar com palavras. Ora penitente, ora diplomata, parece desejar que Portugal se assuma como **um país lúcido e maduro perante o seu passado**. E isso é meritório. Mas palavras sem ação são como templos sem altar: **bonitos por fora, ocios por dentro**.

O perigo está em fazer do arrependimento **uma performance**, e não uma **política concreta**.

O reverso da moeda

Aqui entra a ironia histórica:
O país que um dia explorou povos, é hoje explorado pela sua própria elite, pela banca, pelos interesses ocultos.
Portugal tornou-se **uma colónia da finança global**, habitada por gente cansada, mal paga e com pouca esperança no futuro. A escravidão

mudou de rosto – agora é feita de recibos verdes, burocracia opressora e rendas inatingíveis.

Será que podemos falar de indenizações, se ainda não nos livrámos das nossas próprias correntes?

Conclusão: O que fazer?

A responsabilidade histórica **não é culpa pessoal**.
É uma oportunidade de agir com consciência.

- Ensinar a verdade.
- Parar de fingir que não houve violência.
- Criar pontes de justiça, e não abismos de ressentimento.
- Saber que ser patriota **não é esconder os erros**, mas aprender com eles.

Como dizia Camus:

“Cada geração deve descobrir a sua missão. Cumpri-la ou traí-la.”

A nossa missão talvez seja essa:
não apagar a História, mas iluminá-la.
Não culpabilizar, mas responsabilizar.
Não pagar com euros — mas com ética.

Excerto:

“Nenhuma geração nasce culpada — mas todas nascem debaixo de um céu carregado pelas nuvens do passado. Reparar não é pagar dívidas antigas com moedas modernas — é erguer pontes com consciência. E se há feridas que o tempo não curou, talvez nos caiba a nobre tarefa de lhes limpar a infecção.”
